



COLÉGIO SALESIANO NOSSA SENHORA DA VITÓRIA

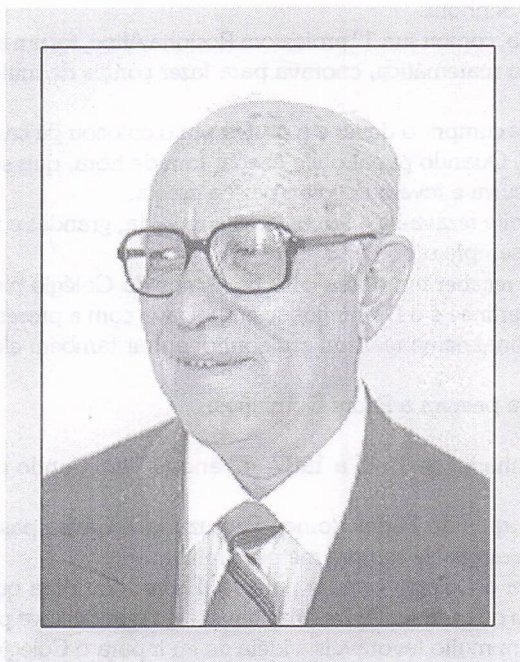
Vitória - Espírito Santo - Brasil

....**"O Paraíso da Comunidade é a Caridade"**  
**(S.Vicente de Paulo)**

Vitória, 31 de Janeiro de 1997.

Caríssimos irmãos em D. Bosco.

Cumpro o ingrato dever de lhes comunicar o passamento, desta vida para a eternidade, do nosso irmão



**P. DOMINGOS ALTOÉ,**

ocorrido no dia 31 de agosto do passado ano de 1996, no Hospital Santa Mônica, em Vila Velha-ES.

Embora possa soar estranho e sem propósito falar sobre um irmão falecido, esta é uma das características mais marcantes da Comunidade Religiosa Salesiana e um dos sinais mais envolventes da nossa vida de família. Vamos perdendo, infelizmente, essa marca de nossa vida salesiana: o carinho, o orgulho por nossos irmãos de Congregação, que nos levam a amá-los vivos ou mortos

528015

(731.08.96)

e não nos esquecer jamais deles. Qual salesiano se esqueceu, por acaso, de seus irmãos ou superiores antigos, como um Pe. Orlando Chaves, um Pe. João Batista Costa, um Pe. Luís Garcia, Pe. Francisco Gonçalves, Pe. Alcides Lanna, Pe. Agenor ou mais recentes como Pe. Nicolau Caríssimo, Pe. Iannini, Pe. João Bosco Nunes, Pe. Viganò? Iniciei propositalmente esta carta mortuária com as palavras de S. Vicente de Paulo, que encontrei em um dos escritos do Pe. Domingos e que diz bem o paraíso que é a vida religiosa quando os irmãos se amam, se respeitam e vivem em clima de família.

Rebuscando entre os guardados de Pe. Domingos, achei sua autobiografia que passa a ser a linha mestra de nosso elogio fúnebre. Antes de dar a palavra a Pe. Domingos, trago para meus irmãos Salesianos o que dele escreveram suas irmãs Ida, Irmã Salesiana, e Odete.

“Padre Domingos nasceu em 15/06/1930. Filho de Vitório Altoé e Maria Baroni Altoé (originários da Itália). Nasceu numa família onde já havia sete irmãos do 1º casamento. Teve mais 10 irmãos do 2º casamento de seu pai. Com ele éramos 18 irmãos.

Aos 4 anos levou um coice do animal arreado para papai sair para Jaciguá, Município de Cachoeiro de Itapemirim-ES. A ferradura cortou-lhe a sobrançelha, rachando o crânio que deu para ver-lhe o olho por dentro. Mamãe o recolheu semimorto e o curou com a sabedoria caseira e a fé em Deus e Nossa Senhora.

Ao entrar na Escola, contou sua 1ª professora Rosinha Altoé, foi um aluno sempre obediente, mas tinha dificuldades na matemática, chorava para fazer contas de multiplicar e levava castigo para resolvê-las.

Certa vez não quis cumprir o dever e a professora o colocou de castigo; ele saltou a janela da escola e foi para casa. Quando papai o viu chegar fora de hora, quis saber o por que e ele foi sincero, mas levou uma surra e teve que voltar para a escola.

Todos os dias à noite rezava-se o terço, família reunida, grandes e pequenos, e na disputa de puxar o terço ele era sempre o primeiro.

Nossa alegria era receber em nossa casa os alunos do Colégio para chupar frutas, moer cana, beber garapa e divertir-se e o Domingos se empolgava com a presença dos padres no meio daquela turma, até que finalmente realizou seu sonho: entrar também ele para o Colégio; era o ano de 1944”.

Vamos agora dar a palavra a Padre Domingos:

“Uma longa caminhada: de 1945 a 1987- 42 anos(17 estudando e 25 trabalhando).

Em 1943 e 1944, quando Padre Romeu Pedruzzi ia à Gávea passear com os alunos do Colégio, chupar cana e laranja, ele sempre me perguntava:

- Você quer ir para o Colégio estudar para ser Padre? Eu dizia que queria. Embora sem entender muito ou nada o que era ser Padre. Mas havia algo que deixava papai na dúvida. Alguns dos meus irmãos não eram muito favoráveis à idéia de eu ir para o Colégio estudar, porque tinha que ajudar na roça, tirar leite, roçar pasto, apanhar café etc...

Isto durante dois anos. Finalmente no início de fevereiro de 1945, papai resolveu: -Quer mesmo ir para o Colégio dos Padres?- Sim. Então fui a VIRGINIA (hoje Jaciguá), comprei uma mala, mamãe arranhou umas roupas e dia 15 de fevereiro de 1945, a cavalo, eu e papai saímos da Gávea e fomos para Boa Esperança, onde no Colégio Anchieta, hoje Colégio Salesiano, iniciei minha caminhada para a vida sacerdotal.

Aí comecei no 3º ano primário (por isso os 17 anos de estudos). Fiquei em Boa Esperança 2 anos (45 e 46), sempre amparado pelos bondosos Padres OLIVIO GIORDANO, ROMEU PEDRUZZI e Sr. ARMANDO.

No início de janeiro de 1947 fui para **LORENA-SP** com mais 27 colegas e fizemos o curso de Admissão em 2 meses, janeiro e fevereiro.

Em março de 1947 fui para Lavrinhas-SP, onde funcionava o célebre aspirantado Salesiano. Fiz aí o 1º e o 2º ano ginasiais. Diretor do seminário era o Padre Hugo Neves, enérgico e bondoso ao mesmo tempo. Em 1948, os capixabas e mineiros fomos para Minas Gerais.

São João Del Rey: aí terminei o ginásio em 1950.

**Neste ano, 06/05/50, meu Pai faleceu. NÃO PUDE IR VISITAR A FAMÍLIA**, aliás já fazia 2 anos que não via meus pais e irmãos. No dia em que recebi a notícia da morte de meu Pai, pedi para ir em casa e a resposta que recebi foi esta: **"DEIXE QUE OS MORTOS ENTERREM OS MORTOS, VÁ E ANUNCIE O REINO DE DEUS !"**. (Lucas 9; 59-62). Naquele dia entendi nada ou quase nada do que Cristo queria dizer. Voltei para o salão de estudos, debruicei-me na carteira e chorei muito. No outro dia, pedi para ir embora, não me deixaram. Mas hoje tudo está mudado. Era a mentalidade da época, **um tanto desumana, mas era.**

1951- Fui para Barbacena-MG, onde fiz o noviciado, amparado e orientado pelo experiente Padre Paulo Gamerschlag. Aí fiz a primeira profissão no dia 31/01/52. Lá estavam presentes mamãe e um irmão e amigos.

1952 a 1955 - Fui para São João Del Rey-MG onde fiz o Curso de Filosofia e a Faculdade: 4 anos pesados e de muitas lutas. 13 matérias, estudos sérios e cansativos. Aí passei meus 22,23,24 e 25 anos de idade.

1956 - Terminando o Curso de Filosofia, fui para Niterói-RJ (como assistente e professor), lectionei 2 anos e fui coordenador da Escola Industrial Dom Bosco, juntamente com meu grande amigo Padre Ricardo Zandonadi.

1958 - Fui para Goiânia-GO, onde lectionei durante 1 ano. Terminei aí meus 3 anos de magistério. Bons passeios a Silvania, Anápolis, Trindade, Brasília etc...etc...

1959,60,61,62 - Fui para São Paulo cursar a Teologia. Nesses 4 anos a coisa foi bem séria. Disciplina super rígida. Éramos 106 Teólogos no Instituto Teológico Pio XI - Lapa-SP. Diretor, Padre Leonardo Jacuzzi.

Professores: Escritura - Padre Antonio Charbel (capixaba)

Dogma — Padre Bartolomeu

Moral — Padre Breno

Direito — Padre João Corso

Escritura durante 2 anos — Padre Joaquim Salvador (Baixinho).

Nem é bom contar o que aconteceu nestes 4 anos de Teologia. Muita coisa boa e muita coisa séria também.

Eu e mais alguns mineiros, quase sempre os capixabas e mineiros é que entrávamos bem. Como ia dizendo, eu e outros fomos suspensos de Ordens 2 vezes por **BOM PROCEDIMENTO**. Era proibido ir ao cinema e **NÓS NÃO ÍAMOS**. Era proibido chamar os professores e o Diretor de apelido e **NÓS NÃO CHAMÁVAMOS** etc etc., mas no fim, depois de rezar muitos terços, tudo deu certo. Estes 4 anos de Teologia, principalmente 1960 e 61, foram bastante tumultuados; houve uma verdadeira intervenção federal, ou melhor, inspetorial. Muitas outras **coisas boas aconteceram**, que não convém sejam relatadas aqui. Finalmente depois de muitas orações (principalmente terços no campo de futebol, ao anoitecer, com o amigo Padre Pedro Celestino, que vocês todos conhecem) no dia 08/12/62 às 10 horas, na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora do Bom Retiro-SP, eu estava prostrado diante do altar, para receber a **ORDENAÇÃO SACERDOTAL**, pelas mãos do Sr. Bispo Dom Paulo Rolim. Mamãe, meu irmão e amigos presentes.

Quase chorei quando minha mãe veio desamarrar minhas mãos unguidas pelos santos óleos da ordenação sacerdotal. **TU ÉS SACERDOTE ETERNAMENTE. Grande dia, não esquecerei jamais. 17 anos de estudos, lutas, renúncias, sacrifícios etc etc ... valeram a pena. DEUS E MARIA ME CONCEDERAM ESTA GRAÇA.**

No dia 09 de dezembro de 1962, no Hospital da Beneficência Portuguesa-SP, rezei minha primeira Missa e dei a comunhão para mamãe e meu irmão Eurico.

Foi na Beneficência Portuguesa porque na época o único parente e amigo que tinha em São Paulo era Luzia Altoé, cursando enfermagem neste Hospital. A Missa foi linda, médicos e principalmente as enfermeiras que trabalham no hospital fizeram aquela festa, tudo dinamizado e animado pelas Irmãs que tomam conta do Hospital.

Permaneci em São Paulo até o dia 20/12 de 1962. Depois fui para o Colégio Salesiano de Boa Esperança, onde passei o Natal, parte no Colégio, parte com mamãe e manos, aguardando o grande dia 30 de dezembro para a solene e festiva recepção na escadaria da Matriz de São João Batista de Jaciguá e minha **PRIMEIRA MISSA SOLENE, CANTADA.**

Em março de 1963 - Iniciei minha vida sacerdotal em Niterói-RJ.

Das 8 às 12 horas, fazia o curso de pastoral no Rio de Janeiro, Convento de Santo Antônio, Largo da Carioca. Na parte da tarde lecionava no Salesiano Santa Rosa de Niterói. Foi assim até dia 09/04/63, pois dia 10 de abril - quarta feira santa - às 14 horas, padre Múcio foi me levar até as barcas; ia para **ROCHA MIRANDA** ajudar na semana Santa. Com apenas 4 meses de Sacerdócio Cristo queria me levar para a casa do Pai. Um grave acidente de carro, logo na saída do Colégio; fraturei a cabeça. Fui para a Beneficência Portuguesa em Niterói. Aí fiquei 5 dias no CTI, em coma. Recebi a Unção dos enfermos etc. No dia 15/04/63, Dr. Vanderley Valadares, meu médico até hoje, disse ao Padre Daniel Bissoli, atual Diretor do Colégio de Campos: "É preciso operar a cabeça". E deu poucas esperanças. Pe. Daniel disse "sim" e pediu orações, pelo telefone, a todos os colégios da Inspetoria e o milagre se concretizou: hoje estou aqui celebrando meus 25 anos de Sacerdócio. Depois de dois meses de hospital, fui para o Espírito Santo para me recuperar. Em novembro do mesmo ano, já estava em forma para outras cabeçadas, físicas ou psicológicas. Assim passei meu primeiro ano de Padre.

Em 1964-65 - Fui para Goiânia(GO): Nestes dois anos trabalhei em uma paróquia dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, juntamente com Padre Ezio Daher. Aí deixei muitos amigos, alguns estão presentes, comemorando meu jubileu de Prata.

Em 1966 fui para UBERLÂNDIA-MG, onde ainda funcionava o colégio Cristo Rei. Aí lecionei durante 1 ano. Adorei aquela cidade. Povo bom e hospitaleiro.

1967-68-69-70 - Fui para Jaciguá. Aí lutei durante 4 anos, junto com Padre Martiniano, na Paróquia de São João Batista. Aquela que me viu nascer para a Igreja e para a vida sacerdotal.

Em maio(07/05/67) minha querida mãe faleceu na Santa Casa em Cachoeiro de Itapemirim. Acompanhei o corpo até Jaciguá, onde rezei Missa de corpo presente e acompanhei até o cemitério onde benzi a sepultura, onde repousam os restos mortais de quem tanto amei na vida. Tive a felicidade de passar 5 anos de vida sacerdotal, ainda nesta vida, quase sempre junto com mamãe.

Visitei todas as capelas desta Paróquia e vivia feliz no meio de meu povo. Muitas pessoas presentes sabem como foram estes 4 anos de trabalhos e lutas em minha terra natal.

Em 1971, fui para Cachoeira Dourada(GO). Trabalhei com o Sr. Bispo Dom Veloso. A sede do bispado era Itumbiara(GO). Em 71 foi grande o trabalho de Evangelização, 90% dos paroquianos eram trabalhadores da CELG(Centrals Elétricas de Goiás). Muitas pescarias na represa da grande Usina. Com o falecimento do Sr. Bispo Dom Veloso, fui para Itumbiara, pertinho de Cachoeira Dourada.

1972-73-74: fui para Vitória-ES: por 3 anos trabalhei no Colégio e ajudava na Paróquia,

ao lado do grande amigo Padre Teófilo Barbosa Junior.

1975-76- 77: volto para UBERLÂNDIA-MG - Triângulo Mineiro. Vou trabalhar na Paróquia de Nossa Senhora Aparecida. 3 anos, muito trabalho. Realizei de verdade meu sacerdócio. 5 capelas e um movimento paroquial muito intenso. 5 missas aos domingos, pregações, casamentos, cursos e reuniões etc etc...

No meio de tanto trabalho criei um círculo de amizade muito grande em toda a cidade: Alguns amigos estão aqui presentes. Povo bom e generoso, não só o da paróquia, mas de toda a cidade de Uberlândia. Foi a cidade que mais me cativou, de todas por onde passei, nestes meus 25 anos de vida Sacerdotal ou em meus 17 anos de estudos. Foi aí também que dei bons passeios para me distrair, aprender e conhecer. Fui a Salvador, Recife, Olinda, Cuiabá, Rondonópolis, Manaus, Cáceres(50 km da Bolívia), Serra do Bugre etc. etc...

Além das caçadas de perdizes, pombas de bando etc.. Divertidas pescarias nos rios Grande, Araguari, rio das Velhas e outros. Isso não me deixou chegar à estafa.

Em 1978 passei alguns meses no Rio. Em ROCHA MIRANDA descansando. Em outubro fui para BOM JESUS DE GOIÁS, perto de Santa Helena, Rio Verde, Jataí. Aí fiquei parte de 78 e todo 79. Um grande campo de apostolado, catequese e evangelização. Fiz boas amizades nesta pequena cidade. Conheci grandes fazendas e vastidões imensas de plantações de soja, algodão, arroz etc...

1980 a 1986: fui para o Rio, trabalhei em ROCHA MIRANDA 3 anos como Ecônomo. 3 anos muito bons. Muitos amigos tenho aí até hoje, alguns estão presentes.

Outros 4 anos fiquei na Paróquia do Colégio Salesiano do Riachuelo, Colégio de quase 3 mil alunos e uma animada paróquia de São João Bosco.

Dáí, no dia 22/06/86, fui para Itapemirim-ES, onde me encontro atualmente: paróquia de 40 e poucas capelas, onde amparado pelos bons paroquianos e encorajado pelo nosso Dinâmico Bispo Dom Luiz Mancilha, Bispo da Diocese de Cachoeiro de Itapemirim, estamos vencendo."

**Este discurso foi proferido por Pe. Domingos em Jaciguá-ES, em seu Jubileu de Prata Sacerdotal - 1987.**

De 1987 para cá, vemos Pe. Domingos alternando momentos de vivência ora em casas Salesianas, ora em paróquias diocesanas diversas. Seu espírito irrequieto e agitado não tolerava rotinas.

De junho de 1986 a dezembro de 87, Pe. Domingos trabalhou na diocese de Cachoeiro de Itapemirim-ES, na paróquia praiana de Itapemirim-ES.

Em 1988 vemo-lo novamente entre nós, trabalhando como vigário coadjutor na Basílica de N. S<sup>a</sup>. Auxiliadora, em Niterói-RJ.

Em 1989, Pe. Domingos incardina-se novamente à Diocese de Cachoeiro de Itapemirim-ES, indo pastorear a Paróquia de Afílio Vivacqua-ES, onde permanece por três anos, indo passar o ano de 1992 em Venda Nova do Imigrante.

Em 1993, retornando à Inspeção, vem para este Colégio, onde assume várias capelarias, ajuda no Colégio e na Paróquia.

Em 1995, vai servir como Pároco na paróquia de Nanuque-MG. Sobre sua passagem pela paróquia de Nanuque temos o seguinte depoimento de uma paroquiana:

**"Pe. Domingos Altoé : Período de existência em Nanuque.**

Em 11 de março de 1995 tomou posse na Paróquia São José Operário. Foi um grande companheiro de luta e caminhada. Realizou muitos casamentos comunitários de pessoas carentes.

Num período de 3 a 4 meses, criou a pastoral da criança na Paróquia. Levantou a pastoral operária, como também a pastoral da saúde, pastoral rural, pastoral carcerária. Reformou algumas partes da Paróquia e algumas capelas pertencentes à mesma. Conquistou muitas amizades através das suas celebrações catequéticas: principalmente na celebração das crianças.

Num período de 05/03/95 a 05/01/96".

**Débora - 32 anos, trabalhou na Casa Paroquial.**

Em 1996, volta definitivamente para a Congregação, trabalhando aqui em Vitória como vigário coadjutor e assumindo a capelania do Asilo dos Velhos, as Missas na Comunidade do bairro Consolação e a orientação espiritual da Obra Social Nossa Senhora das Graças.

Neste meio ano em que permaneceu conosco, Pe Domingos se transformou bastante, como que prevendo seu próximo desenlace.

Chegou à Comunidade bastante arredio e desconfiado falando pouco e vivendo isolado. Aos poucos, devido aos seus trabalhos apostólicos em uma comunidade que o valorizava bastante e à receptividade e boa vontade de sua nova Comunidade Salesiana, Pe. Domingos foi se soltando e já participava das conversas e dos atos da Comunidade, mostrando-se claramente menos arredio. Em conversas com Salesianos, foi quebrando aquela desconfiança, que carregava, de não ser bem aceito pelos irmãos. Nos contatos com os leigos era de uma alegria diferente: brincava, fazia chistes e buscava agradar. Tantos leigos e casais o apreciavam e o recebiam com simpatia em suas casas. Jovens e adolescentes se aproximavam dele e lhe tinham amizade. Uma adolescente estudante do Colégio Salesiano, Lorena, vizinha do casal Clóvis e Odila, cuja casa era a sua Betânia, conversava e se aconselhava sempre com ele. Na sua doença, vinha frequentes vezes estar com ele e fazer-lhe companhia. Nos últimos dias, não o deixava a não ser nos momentos de sono e estudos. À sua morte, chorou lágrimas inconsoláveis sobre o amigo desaparecido.

No mês de julho de 1996, a cidade de Vitória se preparava para celebrar, com orgulho e piedade, o 13º Congresso Eucarístico Nacional, que iria congregar católicos do Brasil inteiro e de outros países latinoamericanos, sacerdotes, bispos e cardeais e o legado papal. Pe. Domingos demonstrava sua dificuldade de conviver com problemas novos: falava constantemente que não iria participar do Congresso, que iria deixar seu quarto para um padre salesiano, seu colega, e iria aproveitar para visitar seus parentes. No fundo, era a insegurança, o medo diante da novidade ou a suspeita de que iria se tornar motorista dos bispos e sacerdotes que nossa Comunidade iria hospedar. Quem sabe? A verdade é que viajou antes do início do Congresso. No dia 06 de julho começou a sua peregrinação, visitando parentes de Vila Velha, depois Cachoeiro, depois Campos-RJ.

Em Campos, Pe. Domingos se hospedou na Comunidade Salesiana do Instituto Dom Bosco. Durante o dia, visitava sua irmã lá residente e outros parentes.

No dia 9 de julho, ao voltar da casa de sua irmã Bernadete, jantou com os Salesianos, leu um pouco os jornais do dia e se dirigiu ao seu quarto, onde tomou um banho antes de descansar. Após o banho, procurou, no quarto ao lado, o Pe. Geraldo Altoé, seu primo e diretor do Colégio Salesiano, dizendo que não sentia o lado esquerdo. Imediatamente Pe. Geraldo providenciou sua remoção para uma clínica cardiológica, onde se constatou um derrame cerebral (AVC). Ficou internado na Clínica. Pe. Geraldo imediatamente informou à nossa Comunidade e aos parentes o ocorrido.

No dia 15, Pe. Domingos é trazido de Campos para Vitória, já fora de perigo, mas com todo o lado esquerdo paralisado. Colocado num dos quartos do andar térreo na residência dos Salesianos, para facilitar o tratamento médico e as visitas, iniciou o seu processo de recuperação. Os Salesianos se descobriram em providenciar o que de melhor era possível no seu tratamento:

médicos, psicólogo, fisioterapeuta e enfermeiros.

Passa-se um mês e sua recuperação é visível: começa a mexer os dedos do pé e da mão, fala mais coerentemente, brinca, embora às vezes não diga coisa com coisa, delire e peça para ser levado a passear em cadeira de rodas pelos pátios do Colégio, no que era prontamente atendido com autorização médica. Seus amigos Clóvis e Odila chegaram a levá-lo de carro a dar umas voltas pela cidade. Estes pequenos passeios, embora autorizados, e o longo tempo em que permaneceu na cama, acabaram prejudicando-o.

Pe. Domingos, no dia 23 de agosto, piora seu estado de saúde, pois contraiu uma pneumonia dupla galopante. Teve que ser internado às pressas na Santa Casa. Daí é retirado, no mesmo dia, pela médica do Colégio, Dr<sup>a</sup>. Jaderlene Cavalcanti, e internado em hospital particular, o Santa Mônica, de Vila Velha, de maiores recursos.

Aí começa o seu calvário. Internado no CTI, em estado gravíssimo, visitado apenas por parentes e pelos Salesianos, Pe. Domingos almeja pela morte que o venha libertar dos sofrimentos até o momento em que entra em coma. Pe. Alfredo Carrara, então nosso Inspetor, e eu o visitamos na véspera de sua morte. Todo entubado e ligado a aparelhos e só vivendo através deles, era a imagem da destruição: não nos via nem ouvia. Demos-lhe a bênção de N. S<sup>a</sup>. Auxiliadora, mas nenhum sinal de vida a não ser a respiração ofegante.

Seu desenlace se deu na madrugada de 31 de agosto. A notícia chega cedo à Comunidade. É providenciada sua remoção para a Capela do Colégio Salesiano, tão logo o I.M.L. libera o corpo. Às 9:00 horas tem lugar a Missa de corpo presente, com boa participação de parentes, amigos e paroquianos. Presidi a liturgia. Pe. Carrara, que estava de viagem marcada para Jaciguá, e diversos sacerdotes salesianos concelebraram. Após o almoço, todos nos deslocamos, acompanhando o carro fúnebre, até Jaciguá, onde têm lugar os funerais, iniciados pela Missa cantada pelo povo de sua terra e presidida pelo Pe. Carrara, que também está iniciando a visita inspetorial à Comunidade Salesiana de Jaciguá - Vargem Alta. Às 17:00 horas, o corpo de Pe. Domingos desce à sepultura da família, onde já estão sepultados seus queridos pais. Seu espírito já privava, no céu, da alegria do reencontro com os genitores, irmãos e antepassados e da felicidade do encontro com Cristo, sua Mãe, Maria Auxiliadora e Dom Bosco, nosso Pai e Mestre.

Para edificação nossa, transcrevo uma oração fúnebre, pronunciada por uma paroquiana de Nossa Senhora das Graças em seu funeral:

“Senhor Deus Pai, estamos aqui para lhe rendermos graças por nos haver permitido conhecer e privar da amizade de Pe. Domingos.

Aquele sacerdote alto e forte, ao transpor as portas da Obra Social Nossa Senhora das Graças e de nossas casas, como fez tantas vezes, entrou em nossas vidas e nos fez conhecer seu coração amigo e acolhedor.

Com carinho e devoção, falou a nossas crianças sobre Mamãe Margarida e Maria Auxiliadora. Seus imensos e doces olhos azuis enxergavam além de nós. Fazia-se criança ao distribuir balas e brinquedos aos pequeninos. Era um gigante ao nos mostrar o caminho da fé e fazer-nos rever os conceitos.

Era para nós o Pe. “Domingo”, o Pe. “2<sup>a</sup>. feira”, “3<sup>a</sup>.” ou “4<sup>a</sup>.”, dependendo do dia em que nos visitava, ou simplesmente Domingão.

Participou de nossos momentos de alegria, incertezas, buscas e lutas.

E nós acompanhamos, com os corações aflitos e machucados, seu sofrimento, sua dor intensa. Ainda ali, no leito de dor, ele orava conosco e nos dava a bênção.

Foram todos momentos que nos fizeram crescer e retomar o caminho da reflexão, da oração, através de sua fé.

Por isso, Senhor, aqui estamos, colocando a seus pés nossa saudade e nossas orações, na

certeza de que sua caminhada para a Casa do Pai se fez tranquila e iluminada, na certeza de que nosso grande amigo contempla agora a luz de sua face.

Rendendo graças, Senhor, lhe pedimos que nos permita ouvir, no silêncio de nossas orações, a voz de Maria Auxiliadora, por quem ele tinha especial devoção, a dizer-nos carinhosamente: Ele está aqui! Amém.

06/setembro/96

**Lucildney Bastos Saade”.**

Queridos irmãos. Dizem que após a morte todo mundo é santo. Ninguém teve nenhum defeito, só virtudes. Pensando nisso e remexendo nos guardados de Pe. Domingos, tive a sensação de que é verdadeira esta história. Todos o conhecemos como pessoa de difícil trato, bravo, zangado e avesso à vida de comunidade, mas só o conheci melhor, depois de ler tantas coisas que ele deixou escritas. Quanto amor a D.Bosco, aos jovens, à sua família e à sua vocação sacerdotal. A ponto de pedir sempre ao Altíssimo pela sua perseverança e para obter o dom da humildade, virtude que cita com frequência, sem a qual nenhuma vocação cristã é perfeita. Sobre a caridade copiou inúmeras frases de santos e teólogos. Se viveu ou não essas virtudes, cabe a Deus julgá-lo. Mas, que ele buscou a vida inteira conquistá-las, não tenho a menor dúvida. Apesar de tantos problemas por que passou em sua vida, inclusive físicos, motivados por vários acidentes sofridos desde a infância, quase sempre na cabeça, Pe. Domingos era uma alma pura. O Senhor que a todos julga e premia há de tê-lo perdoado de suas fraquezas e dado a ele o galardão máximo, porque Domingos conseguiu o que mais queria na vida: **MORREU SACERDOTE E MORREU SALESIANO.**

Antes de finalizarmos, é-nos sumamente imperioso deixar lavrada nossa gratidão a todos os irmãos salesianos de Campos-RJ, aos médicos que o trataram, nomeadamente a Dr<sup>a</sup>. Jaderlepe Cavalcanti, aos enfermeiros e a tantos amigos que compartilharam conosco tempo e preocupações no cuidado do nosso enfermo, como o casal Clóvis e Odila, as irmãs do Pe. Domingos Ir. Ida Altoé, salesiana missionária no Mato Grosso, que permaneceu ao seu lado quase todo o tempo que durou a sua doença, Odete e Bernadete; nossas dedicadas funcionárias Dircéria e Luzia, que o atenderam com o maior carinho.

No Jardim Salesiano, com Cristo e a Virgem Auxiliadora, ajude-nos ele, com suas preces e sua intermediação, a vivermos e morreremos Salesianos de D. Bosco.

Em nome dos Salesianos de Vitória, irmão que os ama a todos em Jesus Cristo,

Pe. Jayme Teixeira Filho  
diretor.

#### **DADOS PARA O NECROLÓGIO:**

**PE. DOMINGOS ALTOÉ**

**\* 15 de junho de 1930, em Jaciguá, Cachceiro de Itapemirim-ES-BR**

**Profissão - 31/01/52, em Barbacena-MG-BR**

**Ordenação sacerdotal - 08/12/1962, em São Paulo - Capital**

**+ 31 de agosto de 1996, em Vila Velha-ES-BR**